

Quem gosta de ideologia é intelectual

Villas-Bôas Corrêa

Há uns três meses, muita gente de boa cuca torcia ou temia por um segundo turno decidido entre o engenheiro Leonel de Moura Brizola e o metalúrgico Luís Inácio Lula da Silva, — impecável mas reconhecível nos 48 ternos encomendados para o consumo de seis meses de campanha, com botões arrancados como talismãs por eleitores exaltados e pedaços de casimira conservados como amuletos, pendurados no pescoço para dar sorte ao portador e ao candidato.

Então, Brizola liderava todas as pesquisas de tendência de voto, galgando degraus com desenvoltura, saltando de 17 pontos percentuais — uma arrancada brilhante — para 19% da preferência do eleitorado.

Lula vinha logo nos calcanhares, largando com 15%, mantendo-se no patamar por dois meses, antes de principiar seu infortúnio, no turbilhão da alucinação radical.

Fernando Collor de Mello pintava como uma surpresa mas ainda não um fenômeno. Equilibrava-se em 7%, que parecia o tamanho da popularidade do desafiador dos *marajás*, e só suscitava algum espanto porque era o mesmo índice onde, desde então, estaciona, — um ponto a mais um a menos, — o doutor Ulysses Guimarães, candidato natural da legenda majoritária e a mais ilustre biografia desses tempos de mudança, com retrato garantido na galeria dos heróis da resistência.

A análise dos especialistas do centro em cólicas arribava na mesmíssima conclusão dos esquerdistas em êxtase: o povo virara o fiô, aprendera o caminho do seu interesse classista, identificara seus líderes e suas siglas.

A hipótese de candidatura que germinasse na secura da horta conservadora era tão remota como milagre, requerendo ajuda de santo e bênção dos anjos. Não dava para confiar no PMDB, engalinhado em sururu de vila, sem tino nem comando, bailando entre a esquerda e a direita. O PFL sempre deu a impressão de um partido com mais candidatos do que eleitores. Quando parecia pronto a desmentir a versão maldosa, indicando seu candidato em inédita votação pelos seus 600 e tantos mil filiados, foi o que se viu: comparecimento escasso, com a maioria na moita, namorando alternativas favoritas. A vitória de Aureliano Chaves, por diferença expressiva, não sugere o fortalecimento de sua candidatura. O PFL alvoroça-se para a debandada.

Os dados últimos, a menos de seis meses do primeiro turno, obrigam reavaliação profunda, com revisão completa de velhos preconceitos e lavagem cerebral que limpe o terreno com o humilde reconhecimento dos equívocos para a

busca de mais adequadas alternativas para a especulação.

Aconteceu o inesperado que, ressalve-se, pode não ser o definitivo. Mas a louca quebrada não aceita o remendo da cola.

A arrumação do eleitorado na linha divisória do confronto ideológico não encontra confirmação nas pesquisas nem na contradição dos favoritos.

Lula e Brizola, com Roberto Freire e Mário Covas na reserva, retratavam a acomodação da esquerda, mobilizada para garantir a classificação de um representante no primeiro turno. O que se revelasse mais viável, polarizaria os votos, em migração consciente e esperada.

No centro, a bagunça, a zorra total.

Pois o fenômeno Collor de Mello — efêmero ou definitivo — já atinge índice de 32%, maior que os 26% da soma de Brizola e Lula.

De onde, de que canto esquecido, de que esconso obscuro, deslocam-se as intenções de votos, em romaria improvisada, a aderir a ídolo sem história, de modesto registro biográfico, algumas inconsistentes bandeiras agitadas pelas brisas que sopram na quentura de Alagoas?

Os pesquisadores depõem, exibindo fichas, com o mesmo esbugalhar de perplexidade: as intenções de votos mudam, trocam de preferência, como em mutirão de crentes de seita nova. Vêm de toda parte, transferem-se, atravessando pinguelas improvisadas, de candidaturas e legendas à esquerda, ao centro, radicais e moderados.

A inconsistência ideológica do eleitor não é novidade detectada agora, nas pesquisas mais recentes. Os arquivos do IBOPE guardam fichas amareladas pelo tempo, rabiscadas com a mesma incoerência. O eleitor que indica como seu favorito, candidato do mais assumido esquerdismo, indica como segunda opção uma flor da direita. E vice-versa. O eleitor de Maluf, aponta Lula como o candidato que balança seu coração na viração da dúvida. O brizolista hesita entre o dono do PDT e o carisma rural de Ronaldo Caiado.

Se o eleitor circula sua dúvida por lotes demarcados com tanta nitidez, tão notoriamente opostos, imagine-se sua disponibilidade diante de candidato como Collor, que não ostenta etiqueta alguma e, com bela pose e voz empostada de locutor profissional, recita texto de aceitação consensual. Quem é a favor da corrupção, contra a moralização do serviço público, o enxugamento da máquina burocrática?

A sucessão definida em confronto ideológico pode ressurgir na bipolarização do segundo turno. Mas é cada vez menos provável.

A definição ideológica do voto, por enquanto, confina-se a minoria de intelectuais, de militantes, de engajados na atividade política.

Parodiando a célebre frase que Elio Gaspari colou para sempre na fama de Joãozinho Trinta, "povo gosta de candidato; quem gosta de ideologia é intelectual".



JORNAL DO BRASIL